

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA PARA O ENSINO DE ARTES: Estudo de caso em uma instituição de educação profissional e tecnológica.

Autores: Kátia CUNHA¹

<https://orcid.org/0009-0009-8461-4600>

Carlos André SILVA JÚNIOR²

<https://orcid.org/0009-0004-1337-8499>

Talita Lucas Belizário de OLIVEIRA³

<https://orcid.org/0000-0002-1755-8188>

Fernando CAIXETA⁴

<https://orcid.org/0000-0001-9159-0170>

Karla QUEIROZ

<https://orcid.org/0000-0002-1606-9665>

RESUMO

Este artigo apresenta uma prática exitosa proposta para o ensino de artes. O objetivo foi trabalhar a valorização da identidade negra numa perspectiva de formação antirracista. Como metodologia foram criadas oficinas para a prática bordados livres usando os ideogramas dos Símbolos Adinkra. A avaliação dos resultados foi obtida considerando as produções de bordados nas oficinas de criação e apresentação das imagens em exposição de arte e trabalhos fotográficos, tanto quanto análise feita através de entrevistas livres com os participantes. Concluímos que a atividade excedeu as expectativas no sentido de aprendizado esperado; considerando a aquisição de noções sobre uma técnica, a socialização da experiência e aquisição de conhecimentos sobre a cultura Adinkra. Toda a prática se mostrou eficiente como ferramenta da educação antirracista e em atenção ao uso da lei 10639.

Palavras-chave

Ensino de Arte; Educação antirracista; Bordado de símbolos adinkra.

¹ Mestre em Fenomenologia. Instituto Federal do Triângulo Mineiro, MG, katiacunha@iftm.edu.br

² Mestre em ensino de Ciências e Matemática, Instituto Federal do Triângulo Mineiro, MG, carlosjunior@iftm.edu.br

³ Mestre em Geografia da Saúde, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, o.btalita85@gmail.com

⁴ Doutorando no programa MIT Portugal, Instituto Federal do Triângulo Mineiro, MG, fernandocaixeta@iftm.edu.br

⁵ Mestre em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social. Instituto Federal do Triângulo Mineiro, MG, karlagontijo@iftm.edu.br



Anti-racist education in arts teaching: A case study in a professional and technological education institute.

ABSTRACT

This article presents a successful practice proposed for arts teaching. The objective was to work on the valorization of black identity in a perspective of anti-racist formation. As a methodology, workshops for free embroidery practice were created using ideograms from Adinkra Symbols. The results were obtained considering the embroidered production made on the creation and presentation images workshops on art and photography exhibitions, as well as, analysis made through free interviews with the participants. We concluded that the activity exceeded expectations in the sense of expected learning; considering the acquisition of notions about a technique, the socialization of experience and acquisition of knowledge about the Adinkra culture. The whole practice proved effective as anti-racist education tool and in attention to the use of law 10639.

Keywords:

Art Teaching; Anti-racist education; Adinkra symbols Embroidery.

Submetido em: 10/08/2023 – **Aprovado em:** 25/08/2023 – **Publicado em:** 28/08/2023

1 INTRODUÇÃO

O fortalecimento e o respeito à cultura afro-brasileira nas instituições de ensino ocorrem por meio do cumprimento e da implementação da Lei n. 10.639, que tornou obrigatório o ensino da Cultura e História Afro-Brasileira e Africana nas escolas, no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística, de Literatura e História. (BRASIL, 2003). Ao longo dos séculos, os povos afro-americanos sofreram diferentes formas de subalternização, “como o genocídio, o epistemicídio⁶ e a perda de elementos culturais, reconfigurando-se ao longo da História como formas de (re)existências e resistências como é o caso do movimento negro” (PAIM; ARAUJO, 2021, p. 38).

Essa referência legal não é algo recente, a educação antirracista existe desde as inúmeras formas de resistência dos povos negros trazidos para cá na diáspora e das lutas indígena e quilombola no período colonial. Podemos citar também várias origens intelectuais – nomes como Abdias do Nascimento (1914-2011)⁷, Lélia Gonzalez (1935-1994)⁸, Azoilda Loretto da Trindade(2015)⁹ e Nilma Lino, que já pensavam essa educação antirracista há muito tempo, antes mesmo da redemocratização do país pós-ditadura militar. E também mencionar agrupamentos sociais como favelados, operários, artesãos, grupos de mães e mulheres negras, associações quilombolas, grupos indígenas, enfim, pessoas que sempre contribuíram para a educação antirracista. Todos esses movimentos coletivos de resistência, foram importantes para fomentar as discussões que levaram à aprovação da lei, momento em que a educação antirracista se tornou uma garantia de direito no país (SANTOS, 2022, p.8).

Por meio dessa lei, as discussões acerca da questão racial se tornaram uma questão política de Estado, e não apenas assuntos debatidos na luta dos movimentos negros. Dessa

⁶ Episteme é um termo grego usado para se referir ao saber racional e científico em detrimento das opiniões (em grego, *doxa*). No entanto, o enfoque no conhecimento que surge a partir das referências de uma cultura específica, acaba criando limitações no sentido de colocar à margem os saberes dos povos não ocidentais e brancos. Essa condição de inferioridade atribuída à determinada cultura passa a ser chamada de epistemicídio pelo sociólogo português Boaventura de Souza Santos na década de 90 e abre caminho para a ideia de descolonização do saber. Essa forma de dominação política e ideológica desqualifica o conhecimento e provoca um apagamento de valores e simbologias que conferem e valorizam a construção de identidade de um povo. Todo processo de subordinação que inferioriza o conhecimento a ponto de abalar a autoestima de seus detentores originais, criam uma colonização muito profunda porque as pessoas passam a duvidar do valor e validade de seus próprios pensamentos. Uma das formas de minimizar os efeitos do epistemicídio sofrido pelas culturas de raiz africana está na valorização de suas referências culturais, muitas das quais nos apropriamos. O estudo dos símbolos Adinkra tem o sentido muito valioso para minimizar as consequências dessa lacuna epistemológica africana, já que cada ideograma reúne elementos culturais, estéticos, simbólicos e relacionados à formas que se conectam às dimensões sagradas do povo que os utilizava.

⁷ Abdias Nascimento (1914-2011) foi poeta, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor e ativista pan-africanista. Fundou o Teatro Experimental do Negro (TEN) e o projeto Museu de Arte Negra (MAN). Um dos intelectuais mais importantes para a difusão da cultura do mundo africano do século XX no Brasil. Fundou o Teatro Experimental do Negro e o projeto Museu de Arte Negra. Suas pinturas, largamente exibidas dentro e fora do Brasil, exploram o legado cultural africano no contexto do combate ao racismo. Professor Emérito da Universidade do Estado de Nova York, deputado federal, senador da República e secretário do governo do Estado do Rio de Janeiro. Para saber mais sobre seu legado, o instituto Ipeafro é um dos acervo que mantém informações sobre parte de seu legado. (Abdias Nascimento | Ipeafro) (Acesso em 07/08/2023) às 18:59.

⁸ Lélia Gonzalez foi Professora, antropóloga, política e militante brasileira, nascida em BH/MG, filha de ferroviária e mãe indígena, se graduou em história e filosofia e se doutorou em antropologia. Uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado, do Olodum e do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras. Participou da fundação do PT e do PDT. Lélia é considerada a primeira mulher negra a se dedicar aos estudos de raça e gênero no país.

⁹ Azoilda Loretto da Trindade é doutora em Comunicação e Cultura, pesquisando sobre Educação e Psicologia desde a década de 80. Atuou como supervisora educacional e professora universitária atuando principalmente nos seguintes temas: afrodescendência, currículo e multicultural. Coordenadora de Projetos e Grupos de Pesquisa Desigualdade e Educação no país e no exterior. Atuou como consultora do Canal Futura, da TVE (Programa Salto para o Futuro)e do UNICEF, Coordenadora Pedagógica do Projeto "A Cor da Cultura".

maneira, se transformaram em uma política de ação afirmativa realizada por escolas, Instituições Federais de Ensino (IFES) e agentes nelas envolvidos. Nesse sentido, fica evidente que “a luta pela superação do racismo e da discriminação racial é, pois, tarefa de todo e qualquer educador, independentemente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política” (BRASIL, 2004, p. 7).

Segundo Ramos e Siqueira (2022), no campo das artes o antirracismo e a decolonialidade são debates em desenvolvimento

sendo reiteradamente utilizados nos últimos anos, especialmente por pensadores e pensadoras negros(as) e indígenas, como referência para se debater aspectos relacionados à criação artística, à educação em Arte, aos estudos de corpo, à prática de grupos e artistas, especialmente no contexto latino-americano. A abordagem sobre essas temáticas torna-se ainda mais necessária quando assinalamos as perspectivas étnico-raciais nos processos educacionais, notadamente se observamos a necessidade de aplicação da legislação que versa sobre estes temas no contexto educacional, seja no âmbito da educação básica ou mesmo do ensino superior.

Com isso, esse artigo propõe dialogar acerca de uma prática pedagógica no ensino de arte e a educação antirracista, trabalhando a memória e ancestralidade como resgate da cultura africana. Para tanto, a escolha da metodologia escolhida foi o bordado e o tema foram os símbolos Adinkra, sobre a sabedoria em símbolos africanos. A curadoria partiu do interesse em unir várias possibilidades de pesquisa e criação, de modo que a produção resultasse em trabalhos feitos em grupo e que pudessem unir a prática manual à potencialidade estética oriundas dos ideogramas africanos. Dessa maneira, passamos a falar dessa experiência exitosa enquanto prática educacional por entendermos que ela avançou quanto às expectativas propostas pela disciplina de arte por permitir pesquisas decoloniais e rica em significados simbólicos, garantir uma formação pautada na diversidade.

Proporcionar uma educação antirracista é oportunizar que todos nas instituições de ensino tenham uma aprendizagem digna, feliz, igualitária e equânime (SANTOS, 2022, p.8). Mas infelizmente essa não é realidade da maioria das instituições de ensino, conforme dialoga Ramos e Siqueira (2022, p.74)

a realidade que se apresenta, seja na educação básica ou no ensino superior, é a de que a educação não consegue lidar com questões que envolvam a diversidade (de culturas, de gêneros, de histórias, de experiências, de referências, de pensamentos) e, com isso, apresenta uma grande dificuldade na implementação de conteúdos ligados às culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas, seja pela falta de formação adequada de professoras(es) para lidarem com essas questões, pela falta de materiais didáticos/referenciais que permitam o desenvolvimento destes conteúdos de forma a estabelecer processos formativos menos coloniais junto aos estudantes, seja pela falta de

incentivo para que estes conteúdos sejam efetivamente trabalhados em sala de aula.

Buscando recursos pedagógicos e entendendo que a disciplina de artes conforme preconiza a lei 10.639, faz parte da formação de cidadãos para que tenham uma consciência racial que contemple e respeite todas as culturas e histórias, a escolha das imagens e símbolos e ideogramas é um exercício de resgate histórico que valorize e respeite a diversidade do nosso país e ao mesmo tempo apresenta uma possibilidade de perspectiva e postura voltadas para a transformação do currículo eurocêntrico que predominou nos currículos educacionais.

2 - OBJETIVO

Objetivo deste trabalho é apresentar os resultados de uma prática usada no ensino de artes que uniu:

- Noções de habilidades manuais através do bordado;
- Pesquisa e o uso dos significados das simbologias Adinkra;
- Apresentar a riqueza da cultura africana numa perspectiva de valorização ancestral e antirracista;

O objetivo usado para avaliar a ação realizada foi uma metodologia qualitativa, ou seja, a atividade não foi uma proposta obrigatória e nem visando uma mostra pautada em quantidades de participantes, e sim na qualidade das experiências, para a qual observamos as percepções dos alunos quanto às suas reflexões acerca dos significados dos símbolos e na valorização das emoções que se apresentavam no processo de ensino-aprendizagem das etapas do bordado e finalização das atividades em grupo, o que caracteriza aspectos culturais nos quais o ensino-aprendizagem é construído em conjunto.

3 - METODOLOGIA

Este trabalho é um estudo de caso de uma sequência didática executada em turmas de 1º ano do ensino médio com bordados. Os sujeitos-alvos foram entrevistados para se obter relatos de experiências.

3.1 - Estudo De Caso

3.1.1 - As Ferramentas Usadas e o Contexto Dos Conteúdos Relacionados

A ferramenta que usamos para avaliar a atividade é o estudo de caso que consistiu na curadoria que pensou no tema, fez a pesquisa da bibliografia pertinente para o estudo das imagens, organizou a aquisição do material usado (tecido branco e linhas de crochê preta, agulhas diversas, linhas de costura, palitos para o suporte dos tecidos, máquina de costura para finalização lateral e acabamentos e fita de cetim dourada para pendurar as imagens). O material foi distribuído após aulas que tratavam sobre a formação da identidade dos povos brasileiros e suas tradições culturais, imagens e costumes. Os alunos teriam um semestre para aprender a técnica com instruções iniciais. A imagem a ser bordada poderia ser escolhida entre os participantes, que eram convidados a relacionar os significados com suas compreensões adquiridas ao longo do processo para socializarmos ao final da sequência didática.

3.1.2 A Escolha Da Técnica e o Perfil Dos Participantes

A atividade foi pensada para com alunos do ensino médio de um Instituto Federal, localizado na zona rural da cidade de Uberlândia/MG. A escolha da atividade se deu em função de experiência anterior da professora de artes, em outra escola, com o uso dos bordados em oficinas criativas associados a processos terapêuticos como recurso para trabalhar foco, concentração, ansiedade e habilidades manuais. Por parte da professora de artes, inicialmente foi um convite para os alunos que quisessem conhecer a técnica. Transpor essas experiências para alunos que estão constantemente usando tecnologias que permitem o uso acelerado de dados era algo bastante experimental e por isso o convite para bordar era no sentido de despertar o interesse dos alunos para que experimentassem o uso da técnica. A motivação da atividade não tinha o objetivo de afastar ou minimizar o uso de telas pelos alunos, até mesmo porque o uso de tecnologias no ensino é uma das características da educação atual. Contudo, muitos alunos relataram que às vezes estão mentalmente cansados e a atividade manual foi um tipo de “descanso mental”.

3.1.3 - O Material Usado

Foram distribuídos para os alunos pedaços de tecido branco, de tamanho equivalente a uma folha A5; agulha e linha preta para padronizar as características das imagens para uma mostra ao final das atividades. Os alunos foram orientados a escolher, cada um, um símbolo Adinkra¹⁰, embasados em livro sobre essa simbologia. Inicialmente 50 alunos decidiram

¹⁰ Conforme as pesquisas disponíveis pelo IPEAFRO com bibliografia nas referências, Adinkra são um conjunto de símbolos que representam ideias expressas em provérbios. O adinkra, dos povos acã da África ocidental (notadamente os *asante* de Gana), é um entre vários sistemas de escrita africanos, fato que contraria a noção de que o conhecimento africano se resume apenas à oralidade. Na verdade, a grafia nasce na África com os hieróglifos egípcios e seus antecessores. Diversos outros sistemas de escrita percorrem a história africana em todo o continente. Além da representação grafada, os símbolos adinkra são estampados em tecidos e adereços, esculpido em madeira ou em peças de ferro para pesar ouro. Muitas vezes eles são associados com a realeza, identificando linhagens ou soberanias. Os conceitos contidos nos ideogramas expandem-se para além da noção ocidental restrita apenas à letra grafada e ao mesmo tempo são usados como um tipo de escrita.

participar do projeto e receberam material e as instruções iniciais acerca de como passar a linha na agulha e dar um nó simples e preenchessem o desenho com movimentos de “zigue-zague” com a linha¹¹. Foi sugerido que trabalhassem o material em casa e se ajudassem mutuamente na compreensão da técnica.

4 - RESULTADO E DISCUSSÕES

O fato de os alunos fazerem a atividade nos ambientes intra e extraescolar despertou o interesse não só de outros alunos como também de técnicos, servidores e comunidade externa, somando adeptos em todos esses setores. A escola é situada na zona rural de Uberlândia/MG e o ensino técnico integrado ocorre em tempo integral. Tempo de espera pelos transportes público ou particular, horários de intervalos entre as aulas ou vagos, constituem momentos de socialização com a comunidade escolar. Em pouco tempo, o grupo de pessoas bordando triplicou e a atividade foi encerrada num primeiro momento. Caracterizamos o grupo que participou dessa atividade como amostra, este somando as 180 pessoas que iniciaram e, dentro desse, o grupo das 150 pessoas que finalizaram seus bordados em um prazo de 3 meses, esse último contendo alunos, professores, técnicos e comunidade de familiares que demonstraram interesse em participar.

A sensibilização dos alunos e profissionais de educação interessados passou a ser um tema de estudo sobre práticas que são desenvolvidas na escola, principalmente porque a prática está alinhada com nossos estudos sobre educação antirracista. Nessa etapa, além de escolher uma imagem para bordar, foi pedido para cada aluno refletir ou pesquisar sobre os sentidos e a simbologia da imagem. Alguns símbolos eram disputados e outros causaram estranhamento. Não obstante, a atividade promoveu uma movimentação positiva de pesquisa realizada pelos alunos sobre os símbolos, seu significado, origem, presença ou não nos contextos brasileiros.

4.1 - Relatos Da Equipe Pedagógica

Os parágrafos a seguir são transcrições *ipsis litteris* das avaliações feitas por membros do setor pedagógico da escola em relação à atividade relatos de participantes.

A visibilidade gerada com a atividade despertou a atenção das pessoas que frequentam a escola porque muitos alunos se reuniam para bordar nos espaços de convívio e esta relação de trocas de experiências e compartilhamentos gerava a atenção de um pequeno grupo numa atividade que unia e proporcionava trocas. Durante o 1º semestre do ano de 2022 (quando a ação ocorreu) aconteciam palestras de um curso antirracista na escola, e os alunos que ouviram algumas palestras puderam identificar a simbologia que estavam bordando, o que gerou uma identificação positiva de pertencimento.

¹¹ Nos grupos de bordado esse ponto é chamado alinhavo. Ressaltamos, contudo, que o objetivo não foi ensinar a técnica e, sim permitir que os alunos experimentassem o uso de bordado livre.

Aconteceram encontros pedagógicos onde as práticas pedagógicas que ocorrem na escola são socializadas, o que permitiu que outros professores se aproximassem da prática e muitos buscaram acompanhar a referência usada para a pesquisa da imagem. Nesse sentido, a prática promoveu a ampliação de saberes multiculturais para diversas áreas através dos professores de outras disciplinas que se interessaram em conhecer mais sobre os símbolos.

Nos eventos da semana da filosofia promovidos pela escola os alunos puderam trabalhar questões sobre racismo, entre outros temas, de modo a complementar as trocas de aprendizagens de modo interdisciplinar.

4.2 - As Impressões Dos Participantes

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas aos alunos participantes para que comentassem sobre as impressões que tiveram sobre as atividades. Sobre a importância dessas respostas para avaliar a atividade como estudo de caso e para fins de anonimato dos discentes entrevistados, listamos algumas respostas substituindo o nome dos alunos por letras no item 4.

4.A (estudante do curso integrado de Meio Ambiente): “E achei muito bom para desestressar, ficar mais calmo, foi bom gastar um tempo bordando, achei muito legal”.

4. B (estudante do curso integrado de Meio Ambiente): “de início eu nem sabia direito o que era bordado, mas fui fazendo aos poucos e era tão viciante ficar pensando nas cores que eu poderia usar, assim como no desenho e isso me ajudou bastante. Gostei de conhecer outras áreas do universo da arte”.

4.C (estudante do curso integrado de Alimentos): "A professora de artes fez um convite para a turma para quem quisesse bordar símbolos africanos como proposta de aprendermos uma técnica nova e conhecermos os significados da cultura Adinkra. Essa proposta me despertou para o tema e eu comecei a acompanhar o curso antirracista do Neabi¹² que estava acontecendo na escola. Achei muito interessante no dia em que a palestrante trouxe como tema os símbolos que estávamos estudando. Ter um tempo para fazer algo com calma também me ajuda bastante nos dias cansativos e tensos. Então deixei pra terminar o bordado em casa e acabou que fiz nos momentos em que eu estava estressada e aos poucos vi que eu consegui uma maneira de ficar mais calma".

4.D (estudante curso integrado Alimentos): “Fazer o bordado foi uma experiência super prazerosa. Acalma muito e é supertranquila. Foi uma atividade que me levou a conhecer um pouco mais sobre outra cultura [no caso da proposta de bordar símbolos africanos]. O bordado trouxe uma experiência que pode me ajudar até nos acontecimentos diários, já que

¹² NEABI - NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS dos Institutos Federais de Ensino é um setor propositivo e consultivo que estimula e promove ações de Ensino, Pesquisa e Extensão orientadas à temática das identidades e relações étnico-raciais, especialmente quanto às populações afrodescendentes e indígenas, no âmbito da instituição e em suas relações com a comunidade externa.

assim tive uma noção de como é costurar, caso eu precise de fazer algum reparo. Além de ser super fácil e ajudar a acalmar em momentos mais turbulentos”.

Ao construir habilidades necessárias para a execução da tarefa, e tomando os colegas que aprendiam os pontos como mestres, a relação de trocas de experiências saiu do campo teórico e mobilizou os participantes a entrarem no campo da vivência. A interação entre os alunos para demonstrar o modo como cada um achava melhor segurar a agulha ou finalizar um ponto exigia dos alunos que ensinavam elaborar uma explicação prática de como faziam e para os que observavam e aprendiam na relação de horizontalidade do conhecimento. Essa interação cooperativa entre os participantes é bastante recorrente na tradição oral, onde os conhecimentos do fazer perpassam a identidade de quem produz e incorpora o fazer da comunidade numa troca de experiências que também reproduz saberes ancestrais muito usada no ensino griots¹³.

Quem nunca havia trabalhado com linhas e tecidos muitas vezes se viam recuperando memórias afetivas de pessoas que executavam trabalhos manuais em suas famílias. O trabalho de valorização da memória e ancestralidade também faz parte de uma educação antirracista porque resgata e valoriza saberes da tradição popular e o oral. Pesquisar sobre estes símbolos é também uma forma de trazer elementos que foram relegados como menores em detrimento de saberes técnicos mais voltados para o lucro.

Muitos alunos inicialmente não conseguiam fazer essa ação aparentemente simples e a explicação de cada passo para alguns foi um exercício de concentração, persistência e repetição. Existem muitos estudos que citam a importância de atividades manuais, como o desenvolvimento da coordenação motora fina, a capacidade de regulação do ritmo interno de produção e assim funciona como um processo de meditação e aumento da capacidade de concentração e manutenção do foco. Para exercer um trabalho lento e que exige paciência, a constância muitas vezes trouxe irritação e incômodo para alunos ansiosos. Com a persistência na atividade o resultado mostrou-se muito eficaz para diminuir picos de tensão segundo relato de alunos que participaram da atividade. O excesso do uso das tecnologias em tempo prolongado tem sido alvo de estudos para pensar os desafios da educação das novas gerações. Embora esse impacto acerca do uso das telas não seja o foco de nossa pesquisa, atividades manuais podem ser uma alternativa para trabalhar a compulsão pelo uso de telas e para restauração da capacidade de parar e descansar das atividades cerebrais superestimulantes.

¹³ A prática educativa da Pedagogia Griô trabalha: educação, tradição oral e política da diversidade através da horizontalidade entre saberes culturais e científicos. Partindo do termo em francês griot, que de forma genérica designa “o lugar social de mestres caminhantes da tradição oral do continente africano (PACHECO, 2015)”, Lillian Pacheco abraçou o termo para Griô para se referir aos transmissores da cultura tradicional da realidade brasileira que investiga e constrói significados, motivos, valores e atitudes no exercício de ouvir o outro e construir conhecimentos e práticas em conjunto e no reconhecimento das próprias histórias elaboradas. Os aprendizes são os novos sujeitos na prática educativa. O Griô aprendiz, sujeito que constrói a metodologia e é a ponte material entre a tradição oral marginalizada e a academia que é uma das bases do poder hegemônico. Conceitos-chaves para a tradição griô é a oralidade e a construção do saber em comunidade e o uso de práticas manuais e corporais. Aqui o corpo como registro que guarda saberes e se transforma em uma potência na prática pedagógica.

Figura 1. Símbolos adinkra bordados e bastidores. Arquivo pessoal. 2023.



Figura 2. Detalhe. Arquivo pessoal. 2023

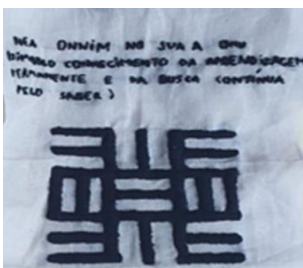


Figura 3. Símbolos adinkra bordados, caxixi e maracas. Arquivo pessoal. 2023.



5 - CONCLUSÃO:

A atividade foi concluída, os alunos aprenderam tanto a técnica quanto avançaram no conhecimento símbolos em atenção ao uso lei 10639.

6 – REFERÊNCIAS:

ABDIAS DO NASCIMENTO. **Ipeafro**. Disponível em:

<https://ipeafro.org.br/personalidades/abdias-nascimento/> . Acesso em 8 ago. 2023.

ALVES, P. S.; SILVA, L. A.; FERREIRA, A. P. R. S. Da raiz ancestral aos saberes culturais: prática educativa em educação da relações étnico-raciais através da pedagogia griô. **Conjecturas**. v.22, n.11, p. 850-874, 2022, ISSN:1657-5830. Disponível em:

<http://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/1461/1105> . Acesso em 8 ago. 2023.
DOI: 10.53660/CONJ-1461-2A13

BRASIL. Lei n. 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Diário Oficial da União, Brasília, 9 jan. 2003a. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm Acesso em: 02 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Conselho Pleno. Parecer n. 3/2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Diário Oficial da União, Brasília, 19 maio de 2004. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf> . Acesso em: 02 ago. 2023.

Da Raiz Ancestral aos Saberes Culturais: Práticas educativas em Educação das Relações Étnico-raciais através da Pedagogia Griô. Conjecturas, ISSN: 1657-5830, Vol. 22, Nº 11.

Disponível em: [Da raiz ancestral aos saberes culturais praticas e.pdf](#) (acesso em 05/08/2023 às 17:37)

NASCIMENTO, E. L.; GÁ, L. C. **Adinkra**. sabedoria em símbolos africanos. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó. 2022.

PACHECO, L. A pedagogia griô: educação, tradição oral e política da diversidade. In

PACHECO, Lilian; BATTISTELLA, Roberta Navas; BAIRON, Sérgio (org.). Diversitas: **Dossiê pedagogia Griô**, FFLCH/USP, São Paulo, ano 2, n. 3, 2014-2015, pp. 22-99. Disponível em: [178436-Texto-do-artigo-534614-1-10-20211229-1.pdf \(pedagogiagri.com\)](#) . Acesso em 5 ago. 2023.

PAIM, E. A.; ARAÚJO, H. M. M. Diálogos possíveis entre produzir, ensinar e aprender histórias decoloniais. In: ANDRADE, J. A.; PEREIRA, N. M. (Orgs.). **Ensino de História e suas Práticas de Pesquisa**. 1. ed. São Leopoldo: Oikos, 2021, p. 31-46. v. 1. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/220721/001125511.pdf?sequence=1&isAllo wed=y> . Acesso: 2 ago. 2023.

PINTO, C. E.; SANTOS, I. C.; CRODA, P. C.; CORREIA, T. J. Pedagogia Griô: paradigmas para a arte/educação com a tradição oral. In; ARS – Nº 43 - ANO 19 – p. 459. Disponível em: [178436-Texto-do-artigo-534614-1-10-20211229-1.pdf \(pedagogiagri.com\)](#) . Acesso em 5 ago. 2023.

RAMOS, J. S.; SIQUEIRA, T. B. L. Ensino de Arte e Educação Antirracista: Perspectivas Pedagógicas e Políticas na Atuação docente. **Moringa: artes do espetáculo**, João Pessoa, v.13, n.1, p.73- 93, 2022. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/63328/35510>. Acesso em: 02 ago. 2023.

SANTOS, V. **Como construir uma escola antirracista**. Nova Escola, 2022.